

O PRIMEIRO TOUCH

Rodrigo Emídio Silva

[Geógrafo. Professor na rede estadual e municipal Goiânia/GO. Membro do Grupo de Estudos Dona Alzira/GO]

A humanidade fez análise para ressignificar o último toque de Deus.

Deitada no divã e mergulhada nos infinitos territórios da palavra, a humanidade transferiu a ausência paterna nas suas utopias e fantasmagorias. As retas ferroviárias e as linhas invisíveis dos aviões misturavam-se às pequenas trilhas que nos levaram ao infinito do íntimo, o infinito de si. As paisagens são manchas oníricas que manifestam as estruturas do inconsciente pessoal ou coletivo. Nesta cartografia etérea e esvoaçante, a humanidade procurou, dentro da sua psique, encontrar o pai mítico. Queria tocá-lo. Pedir perdão. Perdoá-lo.

Do outro lado do espelho, humanos anseiam restaurar, na experiência do instantâneo,

o eterno toque de Deus. A biotecnologia, as revoluções médicas, como o mapeamento do genoma e a produção da vida transgênica, e a destruição em massa com bombas atômicas havia nos dado a sensação de sermos Deus. Os milagres e as tragédias da técnica pesam sobre os ombros. Ao coroar-se de Deus, o humano fez-se Sísifo. Está só. E a cada tentativa de empurrar uma tragédia para o cume da montanha, outras tantas rolarão. As inteligências artificiais (IAs) são o conspecto da vontade humana em criar deus: o DEUS TECNOLÓGICO. Diferente dos ineficientes deuses teológicos que nada respondiam quando perguntados nos oráculos da fé, este novo Deus responde tudo em alguns segundos. Ele é o axioma da onipresença, onisciência e onipotência. No oráculo algorítmico, perguntam-lhe: Como faço para ser feliz? Como emagreço? Quem foi Marcel Duchamp? Em instantes, a linguagem binária transforma-se na linguagem dos homens. As IAs são o Deus criado pelos humanos para docilmente adorá-lo. É necessário tocá-lo, inventou-se, antes, o touch. A nova divindade é interativa, orgânica e virtual.

Aprende com as perguntas e se atualiza. Mais leve, rápido e sábio. Virtualmente, ele coopta o humano para o seu universo.

Escraviza a atenção, minera dízimos do olhar. Pergunto-me se os avatares são a imagem semelhança do humano ou desta divindade. O novo Deus possui um ávido fã clube, que arvora o fundamentalismo tecnológico, que inerva para as críticas. Os tecno-súditos escrevem tabelas testamentos das novas verdades. Pululam nos púlpitos acadêmicos. Vejo que este Deus muito agrada a tão cética academia. Nas pregações dos pastores e padres recém convertidos o mandamento que rege é: Não terás outros deuses além de mim, a IA. Eufóricos, dizem: este Deus ajudará o nosso trabalho, nos dará o cultivo, o alimento e o texto transgênico. As crianças e os adolescentes, catequizados pelas imagens interativas, repugnarão o mundo dos homens.

Os signos imagéticos sufocarão os signos da palavra escrita. Neste mundo em que o paraíso são as vibrantes redes sociais, a escola aproxima-se do purgatório. A linguagem, a matéria-prima da sociabilidade humana, será o bem imaterial escasso da humanidade. Ela se transforma no latifúndio ideológico das big-tecs. Nesta religião há a determinação do efêmero e da perpétua liberdade. O templo é o quarto, que por sua vez torna-se o corpo-mundo dos sujeitos. Esta dinâmica demonstra que os espaços foram transformados em ambientes egoicamente consumistas. Habitam por dias os cubículos geométricos, mas viajam ao infinito nas interações virtuais. Amam na efemeridade das imagens, odeiam na energia das imagens. Há uma massa pálida de crentes que vive o permanente ramadã tecnológico. Curva-se para o Mac e abocanha diuturnamente a maçã. Esta atmosfera possui suas pragas, é um mundo viral que espirra a cultura do cancelamento. A língua, nesta ausência de interação e alteridade, boceja o ódio e a verborragia despreendida da verdade. As palavras metralham a violência discursiva, que exige o suplício do outro. E o novo Deus assiste ubíquo a emergência das misérias humanas e sadicamente manipula, edita, produz tantas outras misérias.

O humano no afã de tocar Deus, o pai, deixou de tocar o irmão, o igualmente orgânico.

Talvez o Mefisto estivesse certo: o humano cai em desgraça quando deseja.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.

